

RuB
16252

havia levantado a ponta da cortina para revelação dessa verdade, que era guardada a sete chaves, como segredo de família. As pesquisas que fiz foram tôdas através do *Eu*, debruçado sobre êsse livro no trabalho pertinaz de decifrar os símbolos, que desafiavam a minha curiosidade de simples leitor.

* * *

Depois que lancei o meu ensaio, a bibliografia sobre Augusto dos Anjos ganhou novas contribuições. Aqui me refiro somente aos autores paraibanos que bordejaram o assunto com o intuito velado de discrepar de minha opinião.

O primeiro foi José Américo de Almeida, numa conferência realizada em João Pessoa, em 1962, com o título — *Augusto dos Anjos — O Homem e o Poeta* — enfeixada mais tarde no livro *Discursos do seu Tempo*, edição da Universidade da Paraíba, 1965.

Como o tema da angústia estava levantado por mim, procurou justificá-lo o eminente escritor paraibano com base na pobreza do poeta. Argumenta que a família foi perdendo pouco a pouco o seu patrimônio imobiliário, até que lá se foi o engenho Pau d'Arco. Dêste modo, sem mais os bens de fortuna, aparece o poeta com os trastes na cabeça, de uma casa para outra. Só no Rio de Janeiro mudou de residência sete vêzes em dois anos. A vida precária que levava devastava tôdas as suas energias. Sustentando essa tese, acaba por afirmar que a tristeza que vinha do berço se tornou mais fúnebre, até exaurir-se em desespero.

Essa mesma interpretação foi também adotada por Francisco de Assis Barbosa, na introdução que escreveu para a 29ª edição do *Eu*, lançada pela Livraria São José, em 1962. Pretendeu fazer da contingência da pobreza a causa de tôda a angústia do poeta.

Mas a pobreza nunca foi motivo de angústia para o autor do *Eu*. Não há um só verso em tôda esta obra que autorize a tirar semelhante conclusão. É obra que fala por si e que vara os tempos como expressão de arte e expressão de vida.

Quando o engenho Pau d'Arco foi vendido, em agosto de 1910, Augusto dos Anjos já estava casado e nesse mesmo ano deixava definitivamente a Paraíba com destino ao Rio de Janeiro. Tôda a produção poética do *Eu*, edição de 1912, já estava composta muito antes da venda do engenho. A pro-